

## O HORIZONTE AXIOLÓGICO DO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE: uma análise da extensão textual do gênero\*

*THE AXIOLOGICAL HORIZON OF THE GENRE PING-PONG INTERVIEW:  
an analysis of gender text extension*

Nívea Rohling da Silva  
Doutoranda em Linguística - UFSC - CAPES

### Resumo

Neste artigo, temos por objetivo apresentar uma análise do horizonte valorativo-axiológico do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. A fundamentação teórico-medotodológica insere-se na teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin (ADD). Os dados de pesquisa são compostos pelas as entrevistas pingue-pongues (totalizando 52 entrevistas) publicadas nas revistas semanais *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*, no período de 4 de outubro a 8 de novembro de 2006, época de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Destacam-se como resultados de pesquisa os índices sociais de valor materializados através da *extensão textual do gênero*. A valoração axiológica envolvida na escolha da extensão textual mostrou que as entrevistas que são publicadas nas menores extensões textuais (*extensão 1/3*, *extensão rodapé*, *extensão ilha*, *extensão 1/2 página*) apresentam um peso “menor”; caracterizam, na maioria das vezes, um índice valorativo negativo em relação ao entrevistado e seu discurso. Já as entrevistas publicadas nas maiores extensões (*extensão página simples*, *extensão página dupla* e *aquela que excede a página dupla*) proporcionam uma maior visibilidade ao gênero, o que acarreta, na maioria das vezes, um índice valorativo positivo em relação ao entrevistado e seu discurso. Assim, a análise evidenciou a maneira como os aspectos composicionais dos gêneros (e dos enunciados) corroboram para construção de sentidos, e, sobretudo, para materializar a acentuação dos juízos de valor sobre o objeto do discurso (na entrevista pingue-pongue é o próprio entrevistado e seu discurso).

**Palavras-chave:** Horizonte valorativo. Gênero entrevista pingue-pongue. Círculo de Bakhtin.

### Abstract

In the present article we aim at presenting and analysis of the conceptual horizon of the genre *ping-pong interview*, from magazine journalism. The theoretical methodological basis concerns the theory of speech genres and the theory of dialogical analysis of Bakhtin Circle. The research data is composed by the ping-pong interviews (52 interviews as a whole) published on the weekly magazines *CartaCapital*, *ISTOÉ* and *Veja*, from October 4<sup>th</sup>. to November 8<sup>th</sup>., 2006, which corresponds to period of the coverage of the second round of the presidential elections in Brazil. The social indexes of value, which are materialized through the *genre's textual extension*, can be highlighted as research results. The axiological valuation involved in the choice of the textual extension showed that the interviews that are published in shorter textual extensions (*1/3 extension*, *footer extension*, *island extension*, *1/2 page extension*) present a “lower” weight, and characterize, in most cases, an index of negative valuation in relation to the interviewee and its speech. On the other hand, the interviews published in larger extensions (*simple page extension*, *double page extension* and the one which lengths more than a double

---

\* Este trabalho é parte integrante do Grupo de Pesquisa “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” e do projeto “Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem”, ambos coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC).

page) provide a greater visibility to the genre, which leads, most of the times, to an index of positive valuation in relation to the interviewee and its speech. Thus, the analysis showed how the compositional aspects of genres (and of utterances) contribute to the construction of meaning and, above all, to materialize the stress of value judgments over the object of speech (within the ping-pong interview, it is the very interviewee itself and its speech).

**Keywords:** Conceptual horizon. Genre ping-pong interview. Bakhtin Circle.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise da extensão textual do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. A extensão textual compõe o horizonte axiológico do gênero e constitui-se em um índice valorativo que está ligado à noção de espaço (extensão) que a entrevista ocupa dentro da página da revista.

Para tanto, inicialmente, apresentaremos a descrição dos dados de pesquisa, precedida de breve exposição e justificativa do percurso metodológico escolhido para a análise dos dados. Em seguida, delinearemos brevemente o quadro teórico em que nos inserimos - a análise dialógica do discurso (ADD) - e a teoria de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin, apresentando conceitos centrais para a consecução do objetivo proposto, em especial, a noção de cronotopo e de índices valorativos. Finalmente, apresentaremos as regularidades encontradas no processo de análise dos dados, evidenciando a valoração axiológica no gênero em estudo, a partir dos índices sociais de valor materializados através da *extensão textual do gênero*.

## 2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa insere-se nos estudos de análise de gêneros do discurso e está embasada na concepção bakhtiniana de linguagem, discurso, enunciado e gênero do discurso, tendo como ancoragem metodológica a “ordem metodológica” de cunho sócio-histórico proposto por Bakhtin [Volochínov] (2004 [1929]) para o estudo da linguagem. Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social do gênero para posteriormente analisarmos sua dimensão verbal*. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula, para, só então, proceder à análise de suas regularidades lingüístico-textuais, correlacionadas com as regularidades da situação de interação social. Entretanto, é importante salientar que esse procedimento de análise se justifica por questões metodológicas, tendo em vista que elas são dimensões indissociáveis na concretização do enunciado e, portanto, também na análise do gênero. Segundo Rodrigues (2001, p. 248), “[...] tem-se uma relação inextricável entre as dimensões social e verbal do enunciado, que formam a sua unidade, e do enunciado singular e o seu gênero”.

Os dados da pesquisa constituem-se de 52 (*cinquenta e duas*) *entrevistas pingue-pongues*, publicadas em três revistas semanais de informação de circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*<sup>1</sup>, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de

<sup>1</sup> As revistas são referenciadas pelo nome tal como esse aparece em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. A opção pelo uso do termo *entrevista pingue-pongue* para fazer referência ao objeto da pesquisa ocorre em função da polissemia do termo *entrevista*, que pode indicar uma variedade de gêneros nomeados como tal (entrevista de emprego, entrevista médica, entrevista face a face etc.); além disso, esse é o termo mais recorrente na esfera de trabalho do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para identificar as entrevistas que apresentam textualmente a seqüência de perguntas e respostas resultado da reenunciação da entrevista face a face.

### 3 O HORIZONTE VALORATIVO: definições preliminares

O primeiro passo para a análise de um gênero, tendo como base teórico-metodológica a perspectiva dialógica da linguagem, é o estudo do seu cronotopo. A noção de cronotopia é apresentada, de forma mais sistematizada por Bakhtin nos seguintes textos: *O Cronotopo de Rabelais* (1998 [1924]) e *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (2003 [1979]). Mais que conceituar essa categoria, o autor aplica esse conceito à análise do gênero romance, porém, a nosso ver, ele igualmente pode ser aplicado à análise de outros gêneros, pois, como diz o autor, o cronotopo é a porta de entrada para a análise do gênero. Segundo Rodrigues (2005), cada gênero está situado em um diferente cronotopo: apresenta determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo; possui diferentes finalidades ideológico-discursivas e tem distintas concepções de autor e destinatário (auditório social) da interação discursiva. Isso quer dizer que mesmo os gêneros de uma mesma esfera sócio-discursiva, como os gêneros jornalísticos, têm constituição cronotópicas distintas, e, portanto, devem ser analisados em suas particularidades.

Na análise dos dados, observamos que, no gênero entrevista pingue-pongue, o horizonte valorativo-axiológico se sobressaiu aos demais horizontes (temporal, espacial e temático), logo é a valoração axiológica que está “orquestrando” a entrevista pingue-pongue. O horizonte valorativo é também relevante nos demais gêneros, como, por exemplo, no artigo assinado, na carta do leitor, no editorial etc. Entretanto, no que tange à entrevista pingue-pongue, podemos dizer que é a valoração axiológica que a faz movimentar na edição. Ao envolver o tema do gênero (o entrevistado e seu discurso), o horizonte valorativo define: o espaço (seção) em que a entrevista deve estar ancorada; as perguntas e respostas que devem, de fato, ser publicadas; a extensão textual das entrevistas a serem publicadas... enfim, confere o “tom” apreciativo ao entrevistado e a seu discurso.

O horizonte valorativo-axiológico constitui-se de índices sociais de valor, que, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), são elementos essenciais na constituição do signo ideológico; sem os índices valorativos o signo nada mais é do que uma “alegoria”, “objeto de estudo dos filólogos”, “signos ideológicos defuntos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 46). Segundo os autores, só pode ser considerado signo aquilo que já adquiriu um valor social e isso ocorre da seguinte maneira: “A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 44). Cada signo constituído possui um tema, que é a realidade que dá lugar à formação de

um signo, e o tema, por sua vez, possui sempre um índice de valor social. Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios, e é justamente esse entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel. Dessa maneira, os índices sociais de valor são responsáveis pela constituição do signo, fazendo com que ele se movimente; é o que propõe Faraco (2003) ao afirmar que os diferentes índices sociais de valor se encontram e se confrontam nos signos ideológicos, conferindo-lhes vida e movimento, caracterizando o universo da criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel.

Com relação à análise dos índices sociais de valor presentes na entrevista pingue-pongue, podemos dizer que eles não se manifestam tão somente nos assuntos abordados. Nesse gênero, os índices valorativos materializam-se no acabamento estilístico-composicional, que pode ser apreendido através *do lugar de ancoragem na revista* (seção de publicação); *do papel social do entrevistado*; *da extensão textual do gênero* e *do conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas*. Tendo em vista a extensão da análise de todos esses índices, delimitamos para este texto, a apresentação da análise da *extensão textual do gênero*.

#### 4. A EXTENSÃO TEXTUAL DO GÊNERO

Dentre os elementos que constituem a valoração-axiológica no gênero pesquisado, o elemento mais visual, e que muitas vezes não é percebido pelo leitor da revista como um aspecto que atribui julgamento de valor, é a extensão textual, ou, no jargão jornalístico, o ‘formato’ da materialidade textual. A extensão textual está ligada à noção de espaço (extensão) que a entrevista ocupa dentro da página da revista.

De acordo com Vannuchi (2006), nenhuma entrevista [face a face]<sup>2</sup> feita tem sua publicação garantida, o que equivale a dizer que se ela não alcançar o resultado esperado (no jargão jornalístico, “se ela não render”) será engavetada, descartada ou transformada em uma matéria interna<sup>3</sup> e não em entrevista pingue-pongue. Ainda segundo Vannuchi (2006), para que o jornalista obtenha uma boa entrevista de três páginas, são necessárias qualidades profissionais específicas, como a capacidade de conduzir uma conversa sobre qualquer assunto, de demonstrar de maneira não verbal quando o entrevistado está agradando e quando não está (de modo a instigá-lo na direção certa) e de conquistar a confiança do interlocutor em poucos minutos para que ele se sinta seguro para falar “de maneira franca, sincera e sem medo” (VANNUCHI, 2006, s/p).

---

<sup>2</sup> A interação discursiva entre jornalista e entrevistado, que ocorre no momento da entrevista face a face, tanto pode ser reenunciada como *entrevista pingue-pongue* (objeto deste estudo) - enunciado publicado em que a há a seqüência de pergunta e resposta - como pode ser reenunciada em forma de *discurso citado (reportado)* do entrevistado, no caso de ser inserido em outro gênero (por exemplo, notícia, reportagem, etc.). No caso de inserção do discurso citado do entrevistado em outro gênero, esse discurso passa a fazer parte de outra situação de interação discursiva, com objetivos discursivo-axiológicos diferenciados dos da entrevista pingue-pongue.

<sup>3</sup> Nesse caso, o jornalista se refere ao discurso citado do entrevistado, que é inserido em outro gênero (reportagem, notícia etc.).

Então, em parte, a extensão textual da entrevista pingue-pongue depende do êxito da entrevista face a face; entretanto, limitar-nos-emos às considerações possíveis a partir dos dados, sem adentrarmos o processo de produção do gênero.

A extensão textual possibilita a análise de elementos importantes que contribuem para a construção valorativa no gênero, como, por exemplo, a disposição/localização do gênero na página em que foi publicado; o número de perguntas e o respectivo espaço de resposta concedido aos entrevistados. Tais elementos, inseridos na extensão textual da entrevista pingue-pongue e que materializam a valoração axiológica nessa situação de interação discursiva, estão intrinsecamente ligados ao papel social do entrevistado.

As possibilidades de extensão textual encontradas foram: *extensão textual 1/3*; *extensão textual rodapé*; *extensão textual ilha*; *extensão textual 1/2 página*; *extensão textual página simples* e *extensão textual página dupla*, que se relacionam às duas modalidades de entrevistas pontuadas a partir do lugar de ancoragem na revista: *entrevistas nucleares* e *entrevistas satélites*.

O agrupamento do gênero em entrevistas nucleares e satélites se refere à seção em que o gênero se “aporta” dentro da edição da revista, ou seja, o lugar de ancoragem ideológica na revista. O critério para esse agrupamento foi estabelecido a partir da percepção de que, nas variadas manifestações do gênero nas edições pesquisadas, algumas entrevistas se encontram em uma posição de “independência” em relação aos demais gêneros e ocupam, nesses casos, uma página ou até mesmo uma seção, o que nos levou a nomear esse conjunto de entrevistas como *entrevista nuclear*. Já em outros casos, o gênero se encontra em posição de “subordinação” a outros gêneros em uma mesma página da revista e, conseqüentemente, em uma mesma seção; a esse conjunto, atribuímos o nome de *entrevista satélite*. As entrevistas pingue-pongues nucleares são publicadas nas páginas vermelhas e nas seções principais da revista *ISTOÉ*; nas páginas amarelas e seções principais da revista da *Veja* e em qualquer seção na *CartaCapital*; já as entrevistas pingue-pongues satélites<sup>4</sup>, a seu turno, são publicadas em seções diversas como, por exemplo, nas seções destinadas a colonismo social (Holofote (*Veja*) e Gente (*Veja*)), nas seções dedicadas a discutir acontecimentos políticos da semana (Brasil Confidencial (*ISTOÉ*) e nas seções que discutem comportamento, profissão, saúde etc. (seção GUIA *Veja* (*Veja*)), onde a entrevista cumpre a tarefa de completar e/ou reafirmar outros enunciados, como reportagens, resenhas de livros.

A relação entre as entrevistas (nucleares e satélites) e a extensão textual em que são publicadas pode ser constatada na tabela a seguir:

**TABELA 1: Relação entre modalidades de entrevista e extensão textual**

MODALIDADE DE ENTREVISTA	EXTENSÃO UTILIZADA
Entrevista pingue-pongue satélite	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extensão textual 1/3</li> <li>• Extensão textual rodapé</li> <li>• Extensão textual ilha</li> <li>• Extensão textual 1/2 página</li> </ul>
Entrevista pingue-pongue nuclear	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extensão textual página simples</li> <li>• Extensão textual página dupla</li> </ul>

<sup>4</sup> As entrevistas pingue-pongues satélites não são publicadas pela revista *CartaCapital*.

A Tabela 1 mostra que as entrevistas pingue-pongues satélites (as que estão subordinadas a outros gêneros) são publicadas nas menores extensões  $\frac{1}{3}$ , rodapé; ilha e  $\frac{1}{2}$  página. Tal constatação mostra-se coerente, tendo em vista que essas entrevistas não contemplam 1 (uma) página inteira da revista. Além disso, essa modalidade de entrevista, de certa forma, “disputa” espaço com outros gêneros dentro de uma mesma página e seção, o que justifica as extensões reduzidas. Já as entrevistas pingue-pongues nucleares (as que são independentes de outros gêneros) são publicadas em extensões maiores como página simples e página dupla; o que também se mostra coerente, tendo em vista que estamos nos referindo às entrevistas que ocupam todo o espaço de 1 (uma) página de revista (ou mais).

Na seqüência, apresentaremos as especificidades de cada extensão textual, a partir de uma adaptação dos “espaços publicitários” da revista *CartaCapital*<sup>5</sup>. A apresentação seguirá uma ordem crescente, o que significa dizer que iniciaremos a análise com as extensões que destinam ao gênero um espaço mais reduzido (extensão textual  $\frac{1}{3}$ ) até chegarmos à extensão textual que concede o maior espaço ao gênero (extensão textual página dupla).

#### 4.1 Extensão textual $\frac{1}{3}$

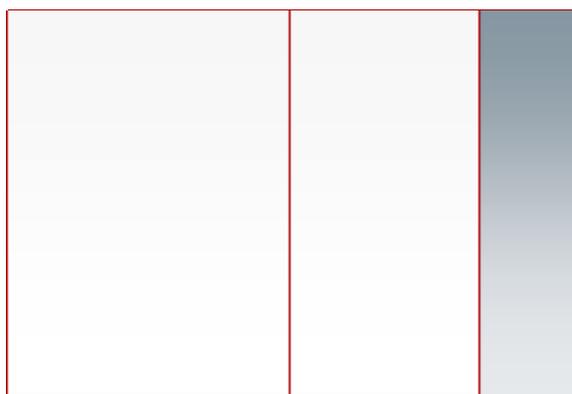


FIGURA 1: Extensão textual  $\frac{1}{3}$

As entrevistas publicadas na extensão  $\frac{1}{3}$  recebem um espaço mínimo, sendo compostas por um número máximo de 6 (seis) perguntas e com um espaço restrito para as respostas do entrevistado. Elas geralmente estão localizadas à margem direita da revista e são inseridas em seções que apresentam outros gêneros como, por exemplo, Holofote ou Gente (*Veja*). Essas entrevistas nem sempre são assinadas pelo jornalista e também não têm o início das perguntas e respostas marcadas com o nome da revista e do entrevistado, como acontece nas entrevistas nucleares. Nessa extensão são publicadas as entrevistas satélites (Cf. Tabela 1), como é caso das entrevistas com as atrizes: Maria Alice Vergueiro (*Veja*, n.39, 2006); Carol Castro (*Veja*, n. 41, 2006) e Luciana Vendramini (*Veja*, n. 43, 2006), e com a ex-modelo Monique Evans (*Veja*, n.40, 2006), ou ainda com entrevistados de outras esferas sócio-discursivas, como as entrevistas com a antropóloga Mirian Goldenberg (*Veja*, n. 39, 2006); com a psicóloga Susan Linn

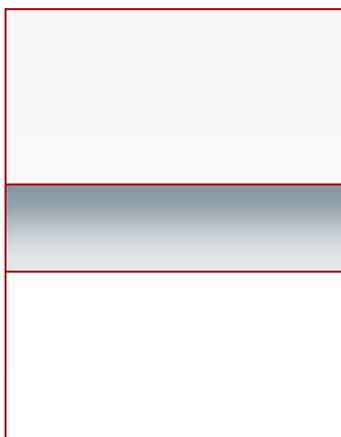
<sup>5</sup> As figuras que representam as extensões textuais constituem “modelos” para anúncios publicitários, que foram adaptados da revista *CartaCapital* (2006). Esses “modelos” recebem, nas redações das revistas, a nomeação de ‘formato’.

(Veja, n. 40, 2006); com Helena Moraes, a mãe da senadora Heloisa Moraes (Veja, n. 41, 2006); com o autor de *best-seller*, Harv Eker (Veja, n. 41, 2006); com a executiva e autora de livro *best-seller*, Mireille Guiliano (Veja, n. 42, 2006); com o senador Mário Couto (Veja, n.44, 2006); e com o empresário Adolfo Rodrigues (ISTOÉ, n. 1930, 2006)<sup>6</sup>.

Em tais casos, não há denso conteúdo jornalístico, pois o que se pretende é produzir uma espécie de columnismo social e de “fofocas” diversas. Essa extensão é utilizada também para publicações das entrevistas cujos entrevistados são foco de notícia em um determinado momento, em virtude de algum escândalo político/financeiro, ou seja, em situações em que o entrevistado assume o papel de “denunciador” (caso das entrevistas testemunhais); mas, nesse caso, também há uma conotação de “fofoca”. Exemplo disso é a entrevista com o empresário, Adolfo Rodrigues, que faz uma denúncia de corrupção no Senado, e, além disso, declara estar sofrendo ameaças.

A extensão textual  $\frac{1}{3}$  também é a utilizada pelas entrevistas satélites, que estabelecem diálogo com outros gêneros ou com outras seções da revista (dialogicidade interna na revista). Os enunciados desses gêneros e/ou seções estão ligados por meio de um mesmo horizonte temático com vistas a reafirmar um discurso, produzindo uma espécie de bloco temático: apresentam-se vários gêneros, tendo como foco o mesmo assunto. Dessa maneira, na maioria das vezes, depois de uma seqüência de reportagens sobre determinado assunto, fecha-se o bloco temático com uma pequena entrevista com um especialista, que é uma pessoa autorizada a falar sobre o tema. O mais comum foi a identificação de entrevistas que completavam uma reportagem ou uma resenha de livro. Dessa forma, a configuração  $\frac{1}{3}$ , por ser a de menor extensão, semiotiza a função da entrevista pingue-pongue em completar ou reafirmar o discurso do gênero ou da seção situada próxima da entrevista, contribuindo decisivamente para conceder à entrevista pingue-pongue (e, conseqüentemente, ao entrevistado) uma conotação acessória para os outros gêneros e para a seção onde se encontra inserida.

#### 4.2 Extensão textual rodapé



**FIGURA 2: Extensão textual rodapé**

<sup>6</sup> Observamos que das 11 (onze) ocorrências de utilização da extensão textual  $\frac{1}{3}$ , 10 (dez) foram publicadas na revista *Veja* e somente 1 (uma) na revista *ISTOÉ*.

A extensão textual rodapé também destina um espaço restrito ao entrevistado. O próprio termo ‘rodapé’ já expressa a idéia de algo que não é essencial, e, por isso, pode ser colocado em “lugar” menos visível. Essa situação confere às entrevistas com essa extensão um menor destaque nas edições da revista. Nas 8 (oito) ocorrências dessa extensão, da mesma forma que com a extensão  $\frac{1}{3}$ , a entrevista também fazia parte de um “bloco temático”, ou seja, estava ligada a outros gêneros. Trata-se das entrevistas com: o psiquiatra, José Ângelo Gaiarsa (ISTOÉ, n. 1930, 2006); o cientista (americano) da área de computação, Nicholas Negroponte (Veja, n.41, 2006); presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PDT), Roberto Jefferson (ISTOÉ, n. 1928, 2006); deputado federal, Paulo Maluf (ISTOÉ, n. 1929, 2006); diretor do departamento de controle do espaço aéreo brasileiro, Paulo Vilarinho (ISTOÉ, n. 1930, 2006); presidente do conselho empresarial Brasil-China, Ernesto Heinzelmann (ISTOÉ, n. 1931, 2006); consultor internacional Tarso Flecha de Lima (ISTOÉ, n. 1932, 2006); e ministro da saúde, Agenor Álvares (ISTOÉ, n. 1933, 2006).

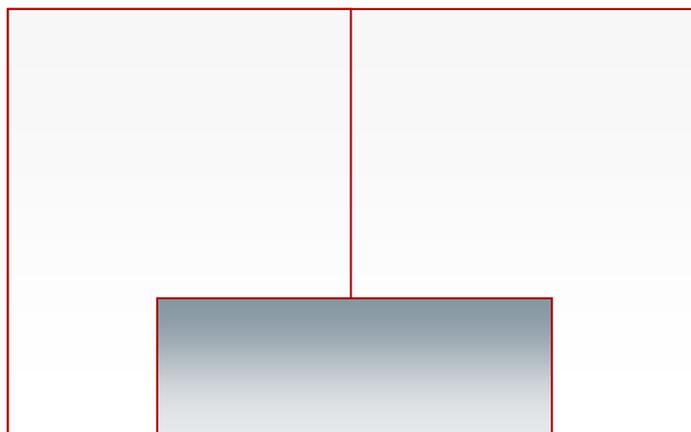
Na entrevista com o psiquiatra José Ângelo Gaiarsa, o entrevistado, ocupando o papel de especialista, discute o assunto “relações matrimoniais alternativas”, que já se caracterizava como o tema da reportagem na qual a entrevista está ancorada. Ela conta com apenas três perguntas e com pequeno espaço destinado à resposta, o que revela um espaço reduzido destinado ao gênero e ao entrevistado, caracterizando sua “função acessória”. De maneira semelhante, a entrevista com o cientista Nicholas Negroponte também está “completando” uma reportagem inserida na seção GUIA Veja, cujo tema é “Tecnologia aplicada a produtos educacionais”.

*Já as entrevistas* com Roberto Jefferson, Paulo Maluf, Paulo Vilarinho, Ernesto Heinzelmann, Tarso Flecha de Lima e Agenor Álvares situam-se na seção Brasil Confidencial, da revista *ISTOÉ*, cujo conteúdo temático é constituído por assuntos sobre a política nacional. Essa seção é publicada em páginas duplas e apresenta os gêneros, frase<sup>7</sup>, nota, charge, dentre outros, que, por sua vez, cumprem a tarefa de falar sobre os “bastidores” da política nacional, enfim discorrer sobre os acontecimentos políticos da semana. Na parte inferior da primeira página da seção (pela ótica do leitor), na extensão ilha, situa-se o gênero entrevista, que é nomeado como *Toma-lá-dá-cá*; nesses casos, o gênero assume a função de compor, juntamente com os demais gêneros, o todo temático da seção, que é apresentar curiosidades e/ou escândalos relacionados à esfera político-governamental. Essas ocorrências são compostas por um número reduzido de perguntas (cerca de três) e um espaço restrito para as respostas.

---

<sup>7</sup> Em Pedrosa (2002), encontramos uma caracterização do gênero “frase”, que circula no jornalismo de revista.

### 4.3 Extensão textual ilha



**FIGURA 3: Extensão textual ilha.**

A partir da extensão textual ilha, o espaço textual destinado ao gênero aumenta. Apesar de localizar-se na parte inferior da revista, como a extensão rodapé, a extensão ilha ocupa duas páginas abertas, o que possibilita um espaço maior para perguntas e respostas. Essa configuração também apresentou poucas ocorrências: foram somente 2 (duas), a saber: a entrevista com ministro da fazenda Guido Mantega (ISTOÉ, n. 1933, 2006) e a entrevista com Orhum Pamuk (Veja, n.39, 2006), autor de livro e vencedor do prêmio Nobel de Literatura.

A entrevista com Guido Mantega também está completando uma reportagem, inserindo-se no bloco temático “O novo governo”, que discute as possíveis mudanças no novo ministério, após reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas, diferentemente das entrevistas que estão interligadas a outros gêneros através do horizonte temático, a entrevista com o ministro estabelece diálogo com uma reportagem que tem como foco o próprio entrevistado, o que caracteriza uma valorização positiva em relação a esse entrevistado, tendo em vista que, além de entrevista “ampliada”, ainda foi publicada uma reportagem cujo foco é o entrevistado. Dessa forma, trata-se de páginas duplas dedicadas a esse entrevistado, onde se insere a entrevista composta de 11 (onze) perguntas com um amplo espaço para as respostas.

Já a entrevista com o escritor Orhum Pamuk também tem a finalidade de “completar” ou reafirmar o horizonte temático, no caso, a resenha do livro de autoria do entrevistado, pois a entrevista encontra-se no rodapé da seção intitulada Livros. Dessa maneira, semelhantemente ao exemplo da entrevista com o ministro Mantega, toda a seção destina-se a falar do livro de autoria do entrevistado, ou seja, focaliza o escritor e seu dizer. A extensão textual ilha possibilita que o número de perguntas seja bem maior do que nas extensões citadas anteriormente (cerca de 12 perguntas), o que equivale dizer que ela concede um espaço maior para o entrevistado. Assim, a empresa jornalística dá a entender que o entrevistado, cuja entrevista se apresenta nessa extensão, tem mais a dizer do que o entrevistado da configuração  $\frac{1}{3}$ , por exemplo.

#### 4.4 Extensão textual ½ página



**FIGURA 4: Extensão textual ½ página**

A extensão textual ½ página visivelmente representa a ampliação do espaço da entrevista que passa a ocupar a metade de uma página. Nesses casos, a revista oportuniza um espaço maior ao gênero se o compararmos às extensões anteriores, possibilitando a apresentação de um maior conteúdo jornalístico por parte de especialistas das mais diversas áreas. Foram encontradas 2 (duas) ocorrências dessa extensão: a entrevista com Edward M. Hallowell (Veja, n. 39, 2006), psicólogo especialista em hiperatividade, e a entrevista com Doyne Farmer (Veja, n.39, 2006), professor/pesquisador da área de tecnologia. A entrevista com Edward M. Hallowell está validando uma reportagem na área de saúde, abordando o tema hiperatividade, enquanto a entrevista com Doyne Farmer “completa” uma reportagem sobre tecnologia, que se encontra na seção GUIA Veja, trazendo a “voz” do especialista sobre o assunto.

Embora em ambos os casos as entrevistas também assumam uma conotação de complemento a determinado conteúdo temático, em conformidade com os casos citados nas extensões anteriores, na extensão ½ página o espaço concedido é ampliado, o que atribui à “fala” dos entrevistados uma “aura” de autoridade sobre o tema tratado.

#### 4.5 Extensão textual página simples



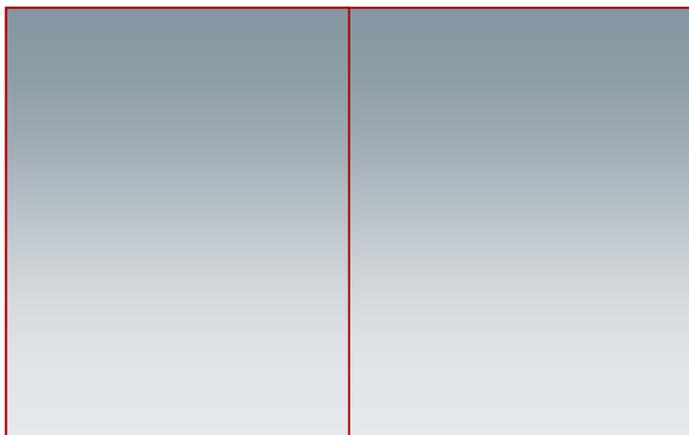
**FIGURA 5: Extensão textual página simples**

Já a extensão página simples ocupa 1 (uma) página inteira, o que possibilita, em média, a apresentação de 10 (dez) perguntas e de um amplo espaço para as respostas do entrevistado. Essa extensão é utilizada na publicação das entrevistas nucleares (Cf. tabela 8) e concede ao gênero uma ampliação do espaço, o que confere uma maior visibilidade ao entrevistado, caracterizando, em geral, uma valoração positiva, pois essa entrevista tem um maior destaque dentro da edição da revista, tendo em vista que não se “aporta” tematicamente a outras reportagens ou seções. Isso significa dizer que a entrevista já não cumpre a tarefa de completar um bloco temático, logo não disputa o espaço com outros gêneros, e que, nessa extensão, a entrevista pingue-pongue constitui-se em gênero principal na página, conferindo à entrevista uma valoração positiva intensificada, uma vez que o destaque ao gênero (e ao entrevistado) aumenta significativamente.

As ocorrências de entrevistas nessa extensão foram: a entrevista com Patrícia Carta (CartaCapital, n. 413, 2006), editora da revista Vogue no Brasil; com Dilma Rousseff (ISTOÉ, n. 1933, 2006), ministra da Casa Civil; com Luiz Dulci (ISTOÉ, n. 1933, 2006), ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência; com Márcio Thomaz Bastos (ISTOÉ, n. 1933, 2006), ministro da Justiça; com Tarso Genro (ISTOÉ, n. 1933, 2006), articulador político do governo; com Hélio Costa (ISTOÉ, n. 1933, 2006), ministro das Comunicações; com Jimmy Carter (Veja, n.42, 2006), ex-presidente norte-americano; com Nizan Guanaes (Veja, n.44, 2006), publicitário; com Aécio Neves (Veja, n.40, 2006), governador de Minas Gerais; e com Fabio Giambigi (Veja, n.41, 2006), economista.

A entrevista com Patrícia Carta insere-se na seção *Estilo* e tem como título “Mundo da moda”; já as entrevistas com o grupo de prováveis ministros do segundo mandato do presidente reeleito Luiz Inácio Lula da Silva foram publicadas em uma seção especial da revista *ISTOÉ*, intitulada pela editoria como “O novo governo”. Nesse bloco de entrevistas foram publicados 5 (cinco) enunciados do gênero, na extensão textual página simples, tendo como fio condutor a temática político-governamental. Apesar dessa ligação temática, trata-se de entrevistas independentes, ou melhor, que não mantêm dependência em relação a outros gêneros e ocupam a totalidade da página.

#### 4.6 Extensão textual página dupla



**FIGURA 6: Extensão textual página dupla**

A extensão página dupla é, sem dúvida alguma, a que oferece maior destaque ao gênero entrevista pingue-pongue (e ao entrevistado). Nesses casos, são destinadas ao gênero e ao entrevistado duas páginas inteiras, ampliando o número de perguntas e respectivos espaços para as respostas. São entrevistas amplas, com foto(s) que conferem destaque ao entrevistado. As ocorrências dessa extensão foram as entrevistas com: Muhammad Yunus (CartaCapital, n. 417, 2006), vencedor do prêmio Nobel da Paz em 2006; Gwyn Prins (CartaCapital, n. 417, 2006), professor de história em Londres e analista da economia e política norte-americana; Domenico Losurdo (CartaCapital, n. 418, 2006), filósofo italiano; Hugo Chávez (ISTOÉ, n. 1928, 2006), presidente da Venezuela; e David Crosby (ISTOÉ, n. 1933, 2006), músico americano. As duas últimas entrevistas estão inseridas na seção “Das páginas da TIME”<sup>8</sup>.

Além das extensões textuais apresentadas até esse momento, há ainda as ocorrências das entrevistas que se compõem, em média, de 3 (três) páginas, o que equivale à soma de 1 (uma) página simples e 1 (uma) página dupla. Essa extensão revela o espaço mais privilegiado conferido ao gênero na revista e, conseqüentemente, ao entrevistado. Trata-se das entrevistas que constituem uma seção (caso das seções “páginas vermelhas” e “páginas amarelas”, respectivamente, nas revistas *ISTOÉ* e *Veja*) e das entrevistas com os candidatos à Presidência da República. Em tais ocorrências, as entrevistas são densas, apresentando em média 15 (quinze) perguntas e um maior espaço para a resposta do entrevistado. A introdução, em que se apresenta o entrevistado, e o teor da entrevista estão expandidos; as fotografias, a seu turno, são amplas, sendo possível inclusive encontrar a inserção de mais de 1 (uma) foto ampliada do entrevistado ou de outras pessoas abordadas na entrevista. Além disso, observamos que as entrevistas das páginas vermelhas e das páginas amarelas são as únicas em que ocorre a inserção de gêneros da esfera da propaganda.

As ocorrências dessas entrevistas foram: a) “Páginas amarelas”: com Greg Behrendt (*Veja*, n.39, 2006), roteirista de cinema; com Al Gore (*Veja*, n.39, 2006), ex-vice-presidente dos EUA; com David Livingstone Smith (*Veja*, n.39, 2006), filósofo; com James Lovelock (*Veja*, n.39, 2006), cientista; com Eliot Cohen (*Veja*, n.39, 2006), historiador e professor da Universidade Johns Hopkins (EUA) e consultor do Pentágono; b) “Páginas vermelhas”: com José Luiz Penna (ISTOÉ, n. 1928, 2006), político e presidente do Partido Verde (PV); com Ray Kurzweil (ISTOÉ, n. 1929, 2006), cientista americano; com João Ubaldo Ribeiro (ISTOÉ, n. 1930, 2006), escritor; com Jaques Wagner (ISTOÉ, n. 1931, 2006), político e atual governador da Bahia; com Jefferson Péres (ISTOÉ, n. 1932, 2006), político e atualmente senador da República; com Delfim Netto (ISTOÉ, n. 1933, 2006), político, ex-ministro e conselheiro do presidente Lula; c) Entrevistas com os candidatos à Presidência da República: Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin (ISTOÉ, n. 1928, 2006).

Na seqüência, apresentaremos uma tabela que mostra um comparativo entre as revistas pesquisadas no que tange às ocorrências das extensões textuais apresentadas até aqui. Dessa maneira, poderemos evidenciar a valoração das editoriais em relação ao gênero pesquisado.

---

<sup>8</sup> Optamos por utilizar, na referência a essa seção (Das páginas da TIME), a grafia que consta na revista *ISTOÉ*.

**TABELA 2: Comparativo de ocorrências das extensões textuais nas revistas pesquisadas**

Revistas	Extensões textuais
<b>Revista CartaCapital</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Página simples - 1 entrevista</li> <li>• Página dupla - 3 entrevistas</li> </ul>
<b>Revista ISTOÉ</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extensão textual <math>\frac{1}{3}</math> - 1 entrevista</li> <li>• Rodapé - 7 entrevista</li> <li>• Ilha - 1 entrevista</li> <li>• Página simples - 5 entrevistas</li> <li>• Página dupla - 2 entrevistas</li> <li>• Páginas vermelhas e entrevistas (que ocupam, no mínimo, 3 páginas) - 8 entrevistas<sup>9</sup></li> </ul>
<b>Revista Veja</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extensão textual <math>\frac{1}{3}</math> - 10 entrevistas</li> <li>• Rodapé - 1 entrevista</li> <li>• Ilha - 1 entrevista</li> <li>• <math>\frac{1}{2}</math> página - 2 entrevistas</li> <li>• Página simples - 4 entrevistas</li> <li>• Páginas amarelas (que ocupam, no mínimo, 3 páginas) - 6 entrevistas</li> </ul>

O que esse comparativo revela é que a revista *CartaCapital* publica poucas entrevistas pingue-pongues, mas, quando o faz, confere destaque tanto ao gênero, quanto ao entrevistado, já que utiliza as extensões textuais páginas duplas e páginas simples (entretanto, percebemos também que não há entrevistas de 3 (três) páginas, como nas demais revistas). A revista *ISTOÉ*, por sua vez, concede destaque ao gênero, haja vista a frequência com que é publicado nas edições e o fato de a revista manter uma seção especial para a ancoragem do gênero. Nessa revista, houve ocorrências da maioria das extensões de entrevista, com exceção da  $\frac{1}{2}$  página. Isso mostra que a *ISTOÉ*, além de conceder ao gênero uma valoração acentuada, também valora, de forma mais explícita, os entrevistados, concedendo a alguns entrevistados espaços mais privilegiados; e a outros, espaços mais restritos. Já no caso da revista *Veja*, verificamos que, além da seção de entrevista destinada ao gênero (páginas amarelas), a revista também publica a entrevista pingue-pongue em variadas seções e nas mais diversas extensões textuais. Na *Veja*, observamos um número expressivo de entrevistas publicadas na extensão textual  $\frac{1}{3}$  (foram 10 ocorrências em 8 edições da revista), além de ocorrências das extensões  $\frac{1}{2}$  página e rodapé, que possibilitam pouca visibilidade ao gênero.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, apresentar a análise do índice social de valor materializado na *extensão textual do gênero*, que é um dos aspectos constitutivos do horizonte valorativo-axiológico do gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista. Nesse sentido, o que podemos dizer sobre a valoração axiológica envolvida na escolha da extensão textual é que as entrevistas que são publicadas nas menores extensões

<sup>9</sup> Além das 6 (seis) entrevistas que constituem uma seção da revista (páginas vermelhas), incluem-se, nesse número, as entrevistas com os candidatos à presidência da república Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, por extrapolarem a extensão página dupla.

textuais (*extensão 1/3, extensão rodapé, extensão ilha, extensão 1/2 página*) apresentam um peso “menor”, e, às vezes, apontam uma valoração negativa em relação ao entrevistado e a seu discurso. Já as entrevistas publicadas nas maiores extensões (*extensão página simples, extensão página dupla e aquela que excede a página dupla*) proporcionam uma maior visibilidade ao gênero, o que acarreta, na maioria das vezes, um índice valorativo positivo em relação ao entrevistado e a seu discurso.

Contudo, temos de considerar que uma apreensão mais aprofundada do horizonte valorativo não se realiza a partir da análise de um único índice social de valor, mas sim através da análise do conjunto de índices valorativos. No caso da entrevista pingue-pongue isso se compõe de: *a) o lugar de ancoragem na revista (seção de publicação); b) o papel social do entrevistado; c) a extensão textual; c) conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas*<sup>10</sup>. Entretanto, a análise do índice abordado neste texto (extensão textual do gênero) já foi suficiente para mostrar que os aspectos composicionais dos gêneros (e dos enunciados) também corroboram para construção de sentidos e, sobretudo, para materializar a acentuação dos juízos de valor sobre o objeto do discurso (o entrevistado e seu discurso).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Fornoni Bernarnidi et al. 4. ed. São Paulo: Hulcitech/Ed. UNESP, 1998 [1924].

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

\_\_\_\_\_. VOLOSCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004 [1929].

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar edições, 2003.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.

SILVA, N. R. da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

VANNUCHI, Camilo. **A entrevista pingue-pongue no jornalismo de revista**. Entrevista concedida via *e-mail* em 12 set. 2006.

<sup>10</sup> A análise do conjunto de índices valorativos no gênero entrevista pingue-pongue extrapola os objetivos deste texto. Uma análise mais aprofundada dessa questão pode ser encontrada em: Silva, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

## ANEXO 1

### Referências bibliográficas dos dados de pesquisa

- ÁLVARES, Agenor. Toma-lá-dá-cá com Agenor Álvares. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.
- ALCKMIN, Geraldo. O Brasil pisou no freio. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- BASTOS, Márcio T. O país não aceita retrocessos. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.
- BEHRENDT, Greg. Elas sofrem demais. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 11 de out. 2006.
- CARTA, Patrícia. O diabo não é como o pintam. **CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 413, 04 de out. 2006.
- CARTER, Jimmy. Auto-retrato: Jimmy Carter. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 42, 25 de out. 2006.
- COUTO, Mário. Se eu fosse bicheiro, já teriam me flagrado. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 44, 08 nov. 2006.
- COSTA, Hélio. Vamos estender a banda larga. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.
- CHÁVEZ, Hugo. O som e a fúria. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- EKER, Harv. É preciso pensar como rico. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.
- COHEN, Eliot. Vivemos a IV Guerra. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 43, 01 de nov. 2006.
- CROSBY, David. Sobrevivente do ROCK. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 18 de nov. 2006.
- DA SILVA, Luiz Inácio Lula. Sempre fui contra a reeleição. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- DULCI, Luiz. Elo com a sociedade crescerá. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.
- EVANS, Monique. Quero alguém embagulhando. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.
- FARMER, Doyne. As máquinas vão pensar. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.

- GAIARSA, José Ângelo. Proibir alguém de se namorar é crime. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 de out. 2006.
- GIULIANO, Mireille. A receita das francesas. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 42, 25 de out. 2006.
- GORE, Al. O guru do verde. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. Traem e culpam o marido. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 04 de out. 2006.
- GUANAES, Nizan. Auto-retrato: Nizan Guanaes. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 44, 08 de nov. 2006.
- HALLWELL, Edward M. A epidemia da hiperatividade. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 11 de out. 2006.
- HEIZELMANN, Ernesto. Toma-lá-dá-cá com Ernesto Heizelmann. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1931, 25 de out. 2006.
- JEFERSON, Roberto. Toma-lá-dá-cá com Roberto Jeferson. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.
- KURZWEIL, Ray. Seremos meio máquinas. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1929, 11 de out. 2006.
- LOSURDO, Domenico. Terra dos senhores. **CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 418, 08 de nov. 2006.
- LOVELOCK, James. A vingança de Gaia. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 42, 25 de out. 2006.
- LINN, Susan. Eles têm tudo, mas não seguem regras. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.
- LIMA, Paulo T. F de. Toma-lá-dá-cá com Paulo Tarso Flecha de Lima. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1932, 01 de nov. 2006.
- MALUF, Paulo. Toma-lá-dá-cá com Paulo Maluf. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1929, 11 de out. 2006.
- MANTEGA, Guido. Não sou ortodoxo. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.
- MORAES, Helena. Lula não terá meu perdão. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.
- NEVES, Aécio. Só voltar a ser oposição salva o PT. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.

NEGROPONTE, Nicholas. O desafio é massificar. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.

NETTO, Delfim. Voto não tem ideologia, tem interesse econômico. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.

PAMUK, Orhum. Um autor dividido, mas sorridente. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 43, 01 de nov. 2006.

PÉRES, Jéfferson. No Brasil há excesso de falta de ética. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1932, 01 de nov. 2006.

PENNA, José L. Será o fim do partido verde? **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1928, 04 de out. 2006.

PRINS, Gwyn. Derrocada republicana. **CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 417, 01 de nov. 2006.

RODRIGUES, Adolfo. As compras do Senado são fraudulentas. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 de out. 2006.

ROUSSEFF, Dilma. Meta fiscal será mantida. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1933, 08 de nov. 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. Não agüento a cara deles. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 out. 2006.

SMITH, David L. Engana que eu gosto! **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.

VENDRAMINI, Luciana. Eu sou terrível. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 43, 01 de nov. 2006.

VERGUEIRO, Maria Alice. O pulo da pantera. **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 04 de out. 2006.

VILARINHO, Paulo. Toma-lá-dá-cá com Paulo Vilarinho. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 de out. 2006.

YUNUS, Muhammad. Homem de ação. **CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, ano XIII, n. 417, 01 de nov. 2006.

WAGNER, Jaques. O PT tem que conversar com todo mundo. **ISTOÉ**. São Paulo: Três Editorial, n. 1931, 25 de out. 2006.